

4.º FLAUTUÉ

FESTIVAL DE FLAUTA TRANSVERSAL

PERFORMANCE | ENSINO | INVESTIGAÇÃO

1, 2 e 3 ABRIL 2019 | ÉVORA, PORTUGAL
MASTERCLASSES | WORKSHOPS | PALESTRAS | CONCERTOS



CHRISTIAN
STUDLER



MONIKA
STREITOVÁ



ISTVÁN
MATUZ



KATHARINE
RAWDON



FRANCISCO
BARBOSA



INSCRIÇÕES EM: <https://sge.uevora.pt/users/register>
VAGAS LIMITADAS
flautue@gmail.com | facebook.com/flautue



UNIVERSIDADE DE ÉVORA



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

PASEV



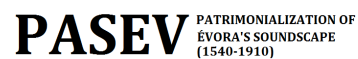
IV FLAUTUÉ – Festival de Flauta Transversal

1, 2 e 3 de Abril de 2019

Colégio Mateus d'Aranda – Universidade de Évora

COMUNICAÇÕES

Livro de resumos



REF ALT20-03-0145-FEDER-028584

Évora e colaboradora do CESEM – Polo de Évora. Integra a equipa do projecto Patrimonialização da Paisagem Sonora em Évora (1540 - 1910). Actualmente o seu trabalho académico centra-se na investigação de música sacra portuguesa de finais do séc. XVIII e inícios do séc. XIX, sobretudo sobre o estudo, transcrição e análise dos Miserere produzidos e utilizados no serviço da catedral eborense no período cronológico referido.

...

A presença do píforo na paisagem sonora da Guerra da Restauração: as campanhas no termo de Évora em 1663.

(Luís Henriques – CESEM/UE)

Resumo: A presença do píforo no contexto da música militar, geralmente em conjunto com um tambor, encontra-se amplamente representada iconograficamente. É de destacar a sua presença na iconografia azulejar, nomeadamente nos painéis do final do século XVII presentes no Palácio Fronteira em Lisboa, representando cenas da Guerra da Restauração, alvo de vários estudos por Luzia Rocha. Nestas representações o píforo surge em diversos contextos de batalha, partilhando o mesmo espaço com a trombeta, o instrumento mais utilizado. No contexto de Évora, embora as fontes documentais não o refiram diretamente, poderá inferir-se a sua presença no âmbito das movimentações militares que decorreram na cidade em maio e junho de 1663, com o cerco pelas tropas castelhanas e a Batalha do Ameixial, a 8 de junho nos arredores de Estremoz. Nestas confrontações participou também um contingente militar inglês sob o comando do Conde de Schomberg, contribuindo também para a paisagem sonora deste período com o seu próprio instrumental. O presente estudo tem como objetivo primordial situar o píforo no contexto militar de meados do século XVII, com particular ênfase nas movimentações militares em torno de Évora, tomando como ponto de partida a iconografia musical existente sobre esses eventos,

assim como as referências documentais históricas, com a inclusão da presença do instrumento no âmbito da música militar.

Breve nota: **Luís Henriques**, musicólogo açoriano, doutorando na Universidade de Évora, mestre em Ciências Musicais (FCSH NOVA) e licenciado em Música (UÉvora). É investigador em formação no CESEM e membro do MPMP. Catalogou o arquivo musical da Sé de Angra, bolseiro no projeto ORFEUS e investigador no projeto PASEV. Fundou e dirigiu o Ensemble da Sé de Angra e o Ensemble Eborensis, com concertos nas ilhas dos Açores, Continente português e França. Os seus interesses de investigação centram-se na polifonia portuguesa seiscentista, especialmente no Alentejo, e a música nos Açores do século XV ao final do XIX.

...

***cantabat mæstis tibus funeribus: O uso da flauta no repertório
fúnebre dedicado às exéquias reais ibero-americanas (1700-1826)***

(Rodrigo Teodoro de Paula – CESEM/UE)

Resumo: As exéquias reais setecentistas exigiam um sofisticado aparato sonoro com a essencial presença da música nos actos religiosos, desde o palácio, onde se encontrava depositado o corpo real, até a sepultura, incluindo-se aí os cortejos (procissão de preces, viático etc) e o ritual na Igreja. Os diferentes momentos do cerimonial eram conduzidos pelo cantochoão, pelas marchas e pela música polifónica que, em Portugal, somente a partir das últimas décadas do século XVIII verá consolidado nas cerimónias solenes o repertório em “estilo moderno”. Essa situação deve-se à influência romana, pós-trento, mais especificamente ao que determinava o *Cærimoniale Episcoporum* (1600), com a proibição do uso do órgão e da música figurada nos ofícios e missas de defuntos. Alguns textos setecentistas também previam restrições sobre a utilização de instrumentos e elementos teatrais na música religiosa, com